

Paulo Osorio

# Aguilhadadas

---

Publicação mensal  
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 8 — Março de 1904

*Editor — Alberto Ferreira das Neves*

*Administração: Avenida de Carreiros, 250*

PORTO

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178 — Rua de D. Pedro — 184



PAULO OSORIO

---

# AGUILHADAS

N.º 8 — MARÇO DE 1904

---

## *Summario*

Carta ao sr. José Caldas ; missiva erudita sobre as fraquêsas d'um grande homem. — Os Livros de Leitura, de Trindade Coelho, e a justiça da celebrada commissão. — As dissidencias progressistas e a opinião do sr. Barbosa Colen. Os retratos dos cavalheiros belligerantes. Modelos de . . . politica e de verdade. — *Carnet mondain* de artes e letras.

## *Carta ao snr. José Caldas*<sup>1</sup>

---

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor :*

E' de Xenocrates, emerito confrade de V. Ex.<sup>a</sup>, a opinião de que é necessario ao homem ás vezes fazer-se mudo, para que não tenha pesar de ter fallado, pois só de ter calado o não pode haver; e outro não menos douto confrade, Quintiliano, sentenciou algures que não ha virtude mais difficulosa que a do silencio, asserto que, de resto, não discorda da conceituada opinião de Santo

---

1 No numero 49, trigessimo sexto anno, d' *O Primeiro de Janeiro*, que viu a luz publica em 27 de fevereiro ultimo, appareceu, por alturas da quarta columna da segunda pagina, uma carta dirigida pelo snr. José Caldas ao snr. Justino de Montalvão, a proposito do livro *Os Destinos* d'este ultimo distincto prosador. N'essa carta, que termina pela citação de dois versos em allemão, lêem-se os periodos seguintes :

« . . . Felizmente que a reacção contra a litteratura dos *altos*— essa litteratura enfadonha e monotonamente pedantesca, em que só apparecem gran-duques, principes, embaixadores, grotescos illustres com o seu cortejo invariavelmente repetido nas figuras dos Fradi-

Ambrosio. Em frente de razões de tão classica energia eu deveria abster-me de me dirigir a V. Ex.<sup>a</sup> n'este momento se um auctor grego, sapiente collega de V. Ex.<sup>a</sup> cujo nome me não lembra, me não viesse decidir com o conceito de que se não deve guardar silencio quando ha necessidade de fallar. Sentença vulgar é essa, mas que seria temeridade conduzir aos olhos de V. Ex.<sup>a</sup> sem o carimbo d'uma auctricidade em termos, e sentença foi essa que de tal modo calou no meu indeciso espirito que de pronto me decidi a botar epistola, que será sempre comedida e respeitosa como compete á dignidade de V. Ex.<sup>a</sup> e á minha propria.

O confrade de V. Ex.<sup>a</sup> que andou no mundo com o rotulo de Aristoteles disse um bello dia que a differença entre os ignorantes e os sabios é a mesma que existe entre os mortos e os vivos. Por unanime consenso é V. Ex.<sup>a</sup> um enorme sa-

---

ques, dos Bazilios e dos Chambrai ; e de que Eça de Queiroz, o eterno e pretencioso Tantalos d'esse mundo de parasitas, que elle nunca pôde conhecer nem frequentar, se arvora em apostolo : felizmente, digo, que contra toda essa litteratura onde não apparece uma unica figura portugueza, se vai accentuando por parte dos nossos novos escriptores, uma reacção salutar. «Os Famintos» de João Grave representam um bello protesto. A sua «Soror Dolorosa», embora tragica e lugubre, accentua a corrente. Com a differença que, lá onde Eça inventa ou faz obra por mera informação de *collissiers*, v. e João Grave sabem o que dizem, como o dizem, e sentem, sobre tudo o que dizem . . . »

bio e eu tenho, com o seu amigo Cicero, a opinião de que é semelhante a um oraculo a auctoridade da fama publica. Receba pois V. Ex.<sup>a</sup> estas mal alinhavadas letras como de um morto que jaz no tumulo da ignorancia e tem a velleidade de erguer os olhos á vida, longe dos fulgurantes arriaes da alta sciencia. Talvez mesmo o seu brilhante camarada Quinto Curcio dêsse no vinte com estrondo quando atirou ao mundo a consoladora informação de que nenhum homem é tão poderoso que lhe não possa vir damno d'um fraco. Mas queira V. Ex.<sup>a</sup> não se assustar devéras, porquanto estas farroncas não são mais que consequencias de cautamente me encostar á opinião da gente limpa.

Tenho n'esta altura de dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que já de ha muito o conheço pelos seus trabalhos em letras e que, á vista da sua obra, eu possuo uma opinião que diverge um pouco da dos meus contemporaneos a seu respeito. V. Ex.<sup>a</sup> é tu cá tu lá com os seculares *in-folios* da historia patria. V. Ex.<sup>a</sup> sabe latim na perfeição e tudo isso são titulos de gloria aos olhos de quem, como eu, se não entende com a poeira e os *ss* longos dos velhos alfarrabios e que na lingua de Horacio jamais passou com geito a corrente declinação do *ora, orae*. Mas nunca pude tomar a serio as pretensões de V. Ex.<sup>a</sup> a jornalista de combate, porque ao lêr os seus artigos de fundo, d'um tão esmerado dizer, n'uma lingua sem macula, eu imagino sem-

pre o padre Manuel Bernardes, seu collega, de barrete phrygio enterrado até ás orelhas, a derribar as instituições com a prosa vernacula da *Luz e Calor* e da *Nova Floresta*.

Os seus trabalhos historicos merecem-nos o respeito que deve usufruir todo o que emprega o seu esforço n'uma obra util ou de cuja utilidade elle está ao menos convencido. Para que pois V. Ex.<sup>a</sup> veio, n'uma quebra de linha deploravel, dizer lamentaveis coisas outrodia na sua carta a Justino de Montalvão, que o *Janeiro* transcreveu ufanamente, e com justiça, do nome illustre que a firmava? Para quê?

V. Ex.<sup>a</sup> sabe com certeza que a litteratura de Eça nem é enfadonha nem monotonamente pedantesca, que lá alguma coisa mais se encontra que gran-duques, principes, embaixadores, grotescos illustres, Fradiques, Bazilios e Chambrai; que Eça nunca fez obra por mera informação de *coulissiers* e que finalmente, é desconchavo attribuir aos livros de João Grave e Montalvão a significação d'um protesto contra a litteratura de Queiroz, que qualquer d'esses illustres escriptores superiormente admira e onde sem esforço se descortina a origem, mais ou menos velada muito embora, dos seus processos d'arte.

E' claro que eu nada tenho que oppor aos elogios que V. Ex.<sup>a</sup> dispensa aos *Famintos* e aos *Destinos*: da primeira d'essas obras já tive ensejo de deixar impressas as minhas lisonjeiras im-

pressões e da segunda escreverei ainda as elogiosas coisas que a sua leitura me suggere.

V. Ex.<sup>a</sup> podia dispensar-se de fallar de Eça e tudo estaria bem.

Eu estou perfeitamente convencido de que V. Ex.<sup>a</sup>, pensando um pouco, ha-de conhecer que foi injusto e tambem que não era de todo tolo aquelle seu confrade grego que advertiu a humanidade de que palavras arrojadas depressa se não podem recolher. Porque, no caso de V. Ex.<sup>a</sup> se não convencer d'isso que digo, a gente ver-se-hia forçado a deduzir que V. Ex.<sup>a</sup> não conhece a obra que critica, o que não pode ser verdade, ou que, lendo essa obra, não soube comprehendê-la, o que é absurdo.

V. Ex.<sup>a</sup> possui o direito de ter sobre o auctor do *Crime do Padre Amaro* a opinião que melhor entender e tem outrosim o direito de a expor quando quizer. Mas V. Ex.<sup>a</sup> n'este caso não faz uma exposição, comette um attentado; não pega na obra do romancista e não a põe em farrapos com a força de argumentos severos e irrespondiveis; chega a essa obra, que representa o trabalho honesto de alguns annos, e arruma-lhe meia duzia de grosserias que V. Ex.<sup>a</sup> não levaria a bem que lhe atirassem ao seu mais insignificante artigo de jornal.

Foi lamentavel que V. Ex.<sup>a</sup> descesse das suas investigações sobre a historia das cidades patrias para vir afirmar que, nos seus livros, Eça de Quei-

roz não sabe o que diz e, finalmente, que em toda a obra do romancista illustre uma unica figura portugûesa não apparece. Contra esta ultima affirmacão tem V. Ex.<sup>a</sup> em si proprio o protesto mais eloquente. Pois não vê V. Ex.<sup>a</sup> uma modalidade interessante do celebrado conselheiro Accacio na sua propria pessoa, mórmente quando perpetra litteratura solemne e põe legendas em grego no fronstespicio dos seus livros<sup>1</sup> e razões em allemão nas suas cartas?

Eu sei que V. Ex.<sup>a</sup>, mettido com os seus alfarabios de erudito, despreza a opinião de gente nova. Mas imagine V. Ex.<sup>a</sup> que eu me punha aqui agora a fantasiar, me dava para attribuir a sua opinião a mal d'inveja e lhe endereçava meia duzia de terminantes conceitos classicos a proposito de tão feia coisa!

Cá iria o seu conhecido Lucio Floro que disse que menos damno é escorregarem os pés que a

---

1 Trata-se d'uma coisa sublime de Hesiodo, que vem em varios logares da *Historia d'um Fogo Morto*, da qual no frontespicio só o sr. padre Correia do lyceu tomou conhecimento, n'uma das primeiras paginas mais alguns cavalheiros, porque vem em latim e, setenta paginas volvidas, todo o mundo, porque o sr. Caldas se resolveu a traduzi-la em portugûês. Desvenda-se o mysterio e vem-se a saber que é isto: «Com tão pouco se virá a fazer uma obra verdadeiramente grande.» Ora o illustre publicista, que se presa de ser bom portugûês, poderia achar na nossa lingua proverbios equivalentes e de mais facil comprehensão. Por exemplo: «Grão a grão enche a gallinha o papo», «Devagar se vae ao longe.»

lingua, e depois o seu caro Ovidio que opiniou, em bons tempos, que a inveja é sempre ao mais alto que combate. E, finalmente, cá iria tambem um pedacinho da *Ropica pnesma* do insigne portugês João de Barros, douto collega de V. Ex.<sup>a</sup>, que resa tal e qual assim: « Nam me quero deter como a Enveja se cria nas tetas, e já crescida converte o siso alheio em sandice, o saber em ignorancia, o esforço em covardia, o branco em preto, e o preto em branco... » E muitas mais coisas profundas que V. Ex.<sup>a</sup> perfeitamente conhece, mas que eu lhe sopraria d'aqui aos ouvidos com maldade. Porém, e felizmente, eu não sonhei em considerar V. Ex.<sup>a</sup> um invejoso e assim as citações eruditas ficam de remissa para melhor emprego.

Dois homens de genio cabem bem á larga no paraiso da Gloria sem se esmurrarem um ao outro. D'isso se deve convencer V. Ex.<sup>a</sup>, com a lisonjeira opinião que decerto tem a seu respeito. Trepe pois para lá V. Ex.<sup>a</sup> com bons modinhos, sem preparos que lhe fiquem mal como esse de ha pouco, faça as suas historias, consulte os cartapacios, empoleire-se na consagração publica e esteja certo que nunca mais saberá que existe este

De V. Ex.<sup>a</sup>

humilde e attento servidor.

**A**PPARECERAM agora os três livros de leitura de Trindade Coelho rejeitados no concurso de compendios para as escolas primarias, de que n'este logar se traçou succintamente um capitulo da abundantissima chronica de escandalo.

Como se sabe, tratava-se da escolha d'um numero illimitado de trabalhos e assim desnecessario seria provar que estes livros de leitura eram os melhores apresentados para verberar a injustiça da sua rejeição. Mas o caso é que, percorridas as obras approvadas, deploraveis coisas feitas na mais criminosa leveza d'animo, sem esmero, sem cuidado, sem amor, pretexto apenas para auferir sem esforço uns optimos proventos, a afirmação da superioridade incontestavel dos livros de Trindade impõe-se, e aquelles que, manhosamente, muito de manso argumentavam que se fazia critica no ar e que só vindo á luz os documentos dos vencedores e dos vencidos se poderia com sã razão dizer razões de queixa, decerto se consolam

n'este momento com a lembrança enganadora de que a questão é morta e ninguém pensa já em justificações e revindictas.

Pois o momento — é agora. E eu desafio quem quer que seja a provar que qualquer dos livros approvados é superior aos de Trindade e que estes, pelo escrupuloso cuidado com que foram feitos, pela optima ideia pedagogica que os guia, pela ordem e realisação segura d'um plano feliz, não são das melhores obras de ensino que se têm escripto em Portugal.

Os livros de leitura de Trindade Coelho constituem, em ultima analyse, uma encyclopedia de todos os conhecimentos geraes que importam a uma primeira educação, noções systematicamente expostas, n'uma fórmula singela, lucida e concisa, que, destinada como é notorio ao ensino da primeira infancia, nos pode ainda uma vez por outra elucidar sobre utilissimas coisas que ignoramos. Raro será aquelle que, percorrendo os três preciosissimos livros, não aprenda alguma coisa e ao mesmo tempo se não convença de que elles só bastariam, nas mãos de bons mestres, para todo o ensino elementar.

A leitura nas primeiras aulas tem de ser assim : essencialmente instructiva.

Toda a creança tem uma natural curiosidade, quer saber tudo, quer uma explicação de tudo que vê e não entende. E' n'essa altura muito mais feliz ideia ministrar-lhe uma instrucção que a sua in-

telligencia aprehenda sem esforço, que lhe fique para sempre, que apalermá-la com descripções pacovinhas de poentes melancolicos e outomniças noites luarinas.

E essa instrucção não póde vir ao acaso, no desconchavo de trechos soltos, apresentando ora uma figura historica que não se sabe quando veio, nem como, ora um factó notavel cujo logar na historia será difficil fazer comprehender á creança que por seu mal tem de aturar as mayoneses de sciencia e arte dos improvisados pedagogos officaes.

O plano dos livros de Trindade Coelho é perfeito: não se tratou só de satisfazer a curiosidade da creança, cuidou-se, e muito bem, de utilisá-la. E isso á custa de muito methodo, uma disciplina perfeita na exposição, um esmerado esforço de simplicidade na linguagem.

No primeiro dos livros ministram-se conhecimentos relativos a *pessoas*: começa-se pela mais rudimentar descripção do corpo humano, entra-se depois no capitulo *vestuario*, dá-se conta das *materias primas* e das *artes, officios e instrumentos* que servem para utilisá-las, segue-se com uma noticia sobre as substancias que se empregam na alimentação e termina-se descrevendo os elementos d'uma casa e as artes, officios e instrumentos que são precisos para construí-la. A primeira parte do segundo livro constitue uma interessante e bem ordenada lição de coisas: materias-pri-

mas, artefactos. artes, officios e seus instrumentos, — objectos de uso escolar, — ideias sobre as dimensões, a fôrma e a côr; na segunda parte entram conhecimentos elementares de botanica e zoologia, descrevem-se com minucias os meios de locomoção terrestre, fluvial, maritima e aerea e conclue-se fallando do tempo e modo de o contar. N'estes dois primeiros livros realisa-se um plano completo. No terceiro desenvolvem-se noções previamente adquiridas e apresentam-se outras novas, mais complexas; e vem então na primeira parte uma fiada de capitulos interessantes (*O mundo que habitamos, Atmosphera, Ar-Calor-Luz-Agua, Deus-Natureza, O corpo humano, Reino animal, Reino vegetal, Reino mineral, As grandes invenções*) e, na segunda, instructivas coisas sobre a terra portugueza, a nossa historia, a Lusitania, a Nação e a Familia.

Além d'isso ha nos tres livros uma parte amena meramente educativa, que é nos dois primeiros constituida por fabulas e proverbios e no terceiro pelos trechos escolhidos de auctores portuguezes que o programma do tal concurso impunha em devota homenagem a Santa Rotina, padroeira dos progressos materiaes e scientificos da nossa terra. Foi por signal uma demora, aliás justificada, na entrega do manuscripto d'esses logares selectos que deu pretexto á rejeição do livro a que pertencem.

O trabalho de Trindade Coelho será consagra-

do pelo applauso de todas as creaturas intelligentes e honestas; e, se amanhã se decretasse a liberdade de escolha, o publico saberia esgotar as edições dos seus livrinhos e deixar apodrecer nas livrarias as producções dos protegidos do sr. Abel.

Saltou-me agora para o bico da penna o nome d'este figurão. Sabem quem é? E' aquelle mesmo conselheiro de borla e capello que n'outra terra seria advogado sem clientes e regedor de freguezia quando muito, e n'este bello paiz de sol á beira mar plantado é um grande homem e vae agora, ao que se conta, reformar a instrucção secundaria.

Permitte, querido leitor, que me dirija a ti, como era de antiga usança quando leitor e auctor se permittiam uma mais larga e confortadora intimidade. Tens pois acaso, benevolo cidadão, alguns meninos que queiras iniciar no caminho do saber humano? Tens? Então emigra. E quando chegares á fronteira, livre da alçada do sr. juiz Veiga, volta-te para traz, faze de conta que estás em Lisboa, em frente á Arcada, e apostropha as entidades da sapiencia publica com este latim que é da Biblia e consta dos conselhos de Deus a um seu propheta: *Et quasi subcineritium hordeaceum comedes illud: & stercore, quod egreditur de homine, operies illud in oculis eorum.*

O que era preciso era pôr esta perlenga no plural e os recursos do meu exame de latim não dão para tanto. Para que pois não conspurques com um atropelo de grammatica tão perfumada

flôr de rhetorica, leitor amigo, vou-te dar um conselho: procura o sr. José Caldas, dize-lhe que elle é a nata dos publicistas da moderna Iberia, e pede-lhe depois, com muito bom modo, se te faz esse favor.

**S**OBRE as conhecidas dissidencias progressistas, é muito curioso consultar uma chronica que o sr. Barbosa Colen, jornalista lisboeta, publicou na revista *Brazil-Portugal*. E' um extenso arrazoado em que simultaneamente se pretende ter graça e dizer coisas profundas, das que é de uso articular com um vinco na fronte e um olho receioso a cuidar da paz da Europa. O auctor intenta retratar os personagens em briga e fá-lo n'estes termos interessantes:

O snr. Beirão é um antigo ministro da justiça de 1886, que depois d'isso fez sempre parte de todas as outras situações progressistas, e que d'ellas alcançou o ser conselheiro de Estado.

E' membro da Academia, e deputato em successivas legislaturas. Ser membro da Academia em Portugal não significa ser um grande sabio ou um grande escriptor, como o ser sempre deputado não significa o ser um grande influente eleitoral. Não discuto os titulos com que o academico foi recebido, mas não lhe faço injuria accentuando que nunca veio á camara com auxilio de votos alcançados pela sua influencia pessoal. Nem admira. O snr. Beirão tem, politicamente, as qualidades contrarias ás do seu antigo chefe. Nem

cuida em crear affeioados, nem pela natural frieza do seu trato convida a intimidades que seduzam. A sua voz não tem notas definidas, tem a implicative aspereza dos dentes d'uma serra quando, para os affeioar, são feridos pelo attricto d'uma lima de aço. «Refiro-me á sua voz porque ella traduz a nota caracteristica da sua personalidade. Tenho encontrado mais pessoas queixosas das suas palavras, sem nenhuma blandicia cariciosa, do que das suas negativas a todo o favor, ostentadas com a altivez de quem com semelhante proceder espera alcançar a benemerencia publica. E' ferro, roçado pelo aço, no seu trato, na sua oratoria, nas suas relações com os adversarios, na sua convivencia com os partidarios, na sua attitude para com a corôa, nos seus futuros projectos como dirigente. Quando é ministro, para attenuar, quanto possivel, o beneficio dos despachos que, a final, tenha de fazer, fecha-os na gaveta — até á maxima de longa que esta retenção possa executar-se. Para esfriar qualquer impeto de agradecimento, que porventura se lembrem de dirigir-lhe, não dá mais que a ponta dos dedos no cumprimento inicial da conversa. Para não ter de ser cortejado com dividas de sympathia, os seus discursos só vibram em elogios calorosos, e até por vezes artisticos, quando os elogiados passaram para sempre os humbraes da eternidade. O necrologio é a unica forma para a expansã dos seus sentimentos amovaveis para o resto da humanidade ! Dir-se-ia ser preciso entrar n'uma tumba para se poder entrar n'aquelle coração. Parece indispensavel ir perante o supremo julgador esperar a sentença, veneranda, para alcançar que aquelle advogado defenda a causa do enregelado cliente ! »

Fallando depois das condições que o sr. Beirão propoz para aceitar a chefia d'um gabinete :

« — O snr. José de Alpoim, o tribuno mais vibrante que o parlamento tem ; a penna jornalistica mais nervosa de que pode dispor a imprensa do seu partido ; o mais relacionado de todos os politicos progressistas ; o mais activo de todos os seus propagandistas ; o mais infatigavel procurador de de todos os seus correligionarios ;

aquelle que por si só representa um exercito, mas que tem a suprema vantagem de ter realmente um exercito mobilizado e disposto a seguil-o incondicionalmente — excluido. »

Posto isto, o sr. Colen conclue a seu modo que o sr. Alpoim é um anafado santinho e o sr. Beirão um trombudo pekadôr. Está no seu direito.

O retrato do sr. Alpoim, tal como no-lo apresenta, é um modelo de... politica e uma obra prima de verdade. Elle é aquillo mesmo. E' o tribuno mais vibrante do parlamento, porque é realmente o que mais vibra — o que não quer dizer que seja aquelle que melhor pensa ou que mais sabe; é talvez a penna jornalistica mais nervosa do seu partido, attenta a carencia de nervosas pennas no agrupamento a que pertence e a serie de perturbações que a designação de *nervosas* abrange em toda a serie pathologica: são nervosos os homens de genio e tambem os clientes do sr. dr. Bobarda; é o mais relacionado de todos os politicos progressistas porque é a maior esperanza de todo o bacharelête com fome e de todo o galopim que quer subir; é o mais activo dos propagandistas, do genero dos que afivelam, em momentos criticos, gravatas encarnadas e escrevem, quando um rei periga: « Saudemos a Republica, essa aurora... »; é o mais infatigavel procurador de todos os seus correligionarios, porque é quem mais engorda a camarilha á custa de nós todos; é aquelle que por si só representa um exercito, mas

que tem a suprema vantagem de ter realmente um exercito mobilizado e disposto a segui-lo incondicionalmente, porque tal exercito é o dos pretendentes que a sua magna benevolencia acaricia.

Ora o sr. Beirão expoz nas camaras ultimamente um programma seu com profundos golpes na empregomania nacional, e o seu perfil, tal como o trata o sr. Colen, é o mais eloquente elogio d'um homem publico que tenho visto. Não ha um unico defeito que o articulista lhe outorgue que não seja uma rara e nobilissima qualidade, e se eu tivesse a certeza de que o sr. Beirão é aquillo e obrará com energia conforme as suas palavras, seria pela primeira vez na minha vida do partido d'um homem.

Essa certeza ainda me falta e perdoe-me o sr. Barbosa Colen o meu receio de que seja benevolo de mais o seu retrato. E' natural a desconfiança depois de tantas e tão frequentes desillusões.

---

CARNET MONDAIN das artes e das letras:

— Está peor o sr. dr. Henrique de Vasconcellos.

— Consta que o sr. dr. Julio Dantas, pretendendo reeditar, ampliada, a sua dissertação inaugural, mandou pedir photographias de todos os quadros expostos no atrio da Misericordia do Porto para com elles illustrar o seu trabalho. Parece que o distincto medico, que é uma creatura de bom gosto e muito delicada, não aproveitará duas telas de João Vaz, outras tantas de Carlos Reis, as das senhoras e não se sabe mesmo se mais alguma.

— O sr. Alberto Pimentel, commissario regio junto do theatro D. Maria, accedendo ás instancias d'alguns cavalheiros que se interessam pelos progressos da arte scenica nacional e usando das suas faculdades de veto já exercitadas com a pro-

hibição do *Pae* de Strindberg, se resolveu, n'um acesso de audacia, a prohibir-se a si mesmo.

— Tem passado mais calmo o sr. João Chagas. Fez-lhe bem a leitura das *Illusions Perdues* de Balzac. Na sua chronica publicada no *Janeiro* sobre *Jornaes* notam-se já consideraveis melhoras.

— Noticias de Coimbra contam pormenores do acesso de melancolia aguda de que foi victima o sr. Annibal Soares após a conclusão d'um seu trabalho humoristico — genero Eça de Queiroz, segundo a afirmação dos seus amigos. Um d'estes cavalheiros quiz procurá-lo no dia seguinte ao do ataque o encontrou-o n'um estado de abatimento consternador.

« Quiz levantar-se, ergueu a fronte, abriu o olhar,

« Exhalou um suspiro . . .

*Olhou o livro*

. . . e tombou a chorar ! . . . »

# AGUILHADAS

Volumes de 16 a 32 paginas

EM PORTUGAL

Numero avulso, 50 reis  
Serie de 12 n.<sup>os</sup> (pag. adeant.) 500 reis

NO BRAZIL

Numero avulso:  
300 reis (moeda fraca)

## LIVROS NOVOS

- Affonso Lopes-Vieira*—«*Marques*», historia d'um perseguido. Ed. Tavares Cardoso.—1 vol. de 164 pag. . . . . 400
- Antonio Corrêa d'Oliveira*—*Raiz*, versos. Ed. França Amado. —1 vol. de 326 pag. . . . . 800
- Bazilio Telles*—*Carestia da Vida nos Campos*, estudo economico. Ed. Lello & Irmão.—1 vol. de 426 pag. . . . . 800
- Henrique de Mendonça*—*Reino dos Céos*, romance. Ed. Empreza Litteraria e Typographica.—1 vol. de 448 pag. . . . . 800
- João de Barros*—*Dentro da Vida*, versos. Ed. França Amado.—1 vol. de 70 pag. . . . . 300
- João Grave*—*Os Famintos*, romance. Ed. Lello & Irmão.—1 vol. de 289 pag. . . . . 500
- Julio Brandão*—*Perfis suaves*, contos. Ed. José Figueirinhas.—1 vol. de 192 pag. . . . . 700
- Julio Dantas*—*Um Serão nas Laranjeiras*, comedia. Ed. Tavares Cardoso.—1 vol. de 246 pag. . . . . 700
- Julio de Lemos*—*Campesinas*, (quadros do Minho). Ed. Tavares Cardoso.—1 vol. de 262 pag. . . . . 500
- Justino de Montalvão*—*Os Destinos*, contos. Ed. Lello & Irmão.—1 vol. de 354 pag. . . . . 600
- Mayer Garção*—*A minha Paysagem*, versos. Ed. França Amado.—1 vol. de 80 pag. . . . . 400
- Paulo Osorio*—*Historia d'um Morto*, conto (2.<sup>a</sup> edição). Ed. Tavares Martins.—1 vol. de 32 pag. . . . . 100
- Pedro d'Azevedo Tojal*—*Foguetario*, poema heroe comico, prefaciado e revisto por *Mendes dos Remedios*. Ed. França Amado.—1 vol. de 64 pag. . . . . 200
- Trindade Coelho*—*O Primeiro Livro de Leitura*. Ed. Aillaud & C.<sup>a</sup>—1 vol. de 144 pag. . . . . 150
- — —*O Segundo Livro de Leitura*. Ed. Aillaud & C.<sup>a</sup>—1 vol. de 242 pag. . . . . 250
- — —*O Terceiro Livro de Leitura*. Ed. Aillaud & C.<sup>a</sup>—1 vol. de 368 pag. . . . . 350